

30 SET 2006

Economia - Brasil

Competitividade em baixa

CORREIO BRAZILIENSE

Apesar dos recentes avanços, como o controle da inflação, a melhora do mercado de trabalho e o pequeno, mas contínuo processo de redistribuição de renda, o Brasil ainda ocupa triste posto no cenário internacional. Dentre 125 economias pesquisadas pelo Fórum Econômico Mundial, à brasileira restou a 66^a posição no ranking da competitividade global. Perde para emergentes como Taiwan (13º), Coréia (24º), Índia (43º), China (54º), México (58º) e Rússia (62º). Entre as nações latino-americanas, fica atrás das do Chile (27º) e da Colômbia (65º). A consequência é inequívoca: economias menos competitivas atraem menos investimentos e enfrentam maiores dificuldades para crescer.

Após a divulgação do ranking, o governo se apressou em questionar os dados, sob a alegação de que o Brasil vem sim atraindo investimentos nos últimos anos. Embora a forma da análise possa até ser questionada, ela é a mesma para todos os países, o que dá aos investidores um norte, ou, no mínimo, pistas de quem oferece as melhores condições. No caso brasileiro, esses indícios são desencorajadores.

O pior defeito, aponta o estudo, está no ambiente macroeconômico, o que causou estranheza. Mas apenas aparente. Entre os 125 países, só 11 detêm piores condições que o Brasil. Culpa da elevação dos gastos públicos, do endividamento do Estado e dos altos juros cobrados pelo sistema financeiro, o que inibe investimentos privados. As instituições brasileiras, públicas ou privadas, tam-

bém são vistas com desconfiança: o país ocupa a 91^a colocação nesse ranking. Segundo o diagnóstico do Fórum Econômico Mundial, outros problemas são as deficiências de infra-estrutura, a alta carga tributária, a pesada burocracia e a informalidade que assola o mercado de trabalho.

Mas, apesar do diagnóstico pessimista, o documento traz um alento. Se conseguisse resolver os problemas básicos aqui listados, o Brasil teria condições de dar um salto de competitividade. Segundo o Fórum, o país avançou e reuniu alguns indicadores positivos, entre eles alto grau de inovação, tecnologia e sofisticação dos negócios, além de um sistema de educação básica que avançou nos últimos anos.

No entanto, o tempo corre e o Brasil segue patinando na esteira do crescimento. Para solucionar essas deficiências, alguns caminhos são impositivos. Urge a execução de uma reforma tributária que simplifique a cobrança de impostos e crie ambiente mais favorável aos negócios. Ao mesmo tempo, é preciso aumentar a eficiência do Estado, o que possibilitaria a redução dos impostos, principal obstáculo aos investimentos no país. Somem-se a isso investimentos em infra-estrutura, marcos regulatórios eficientes e combate ferrenho à corrupção.

É um árduo e longo caminho. Mas não há outra alternativa. Independentemente de quem ganhar as eleições que começam amanhã, é preciso atacar essas questões, sem mais demora. Caso contrário, continuaremos percorrendo a estrada do crescimento com um pé no acelerador e outro no freio.